

## **O Fragmento ou Aforismo: a expressão do pensamento da natureza tanto para os poetas românticos alemães quanto para Nietzsche**

Maria Cristina dos Santos de Souza \*

### **Resumo:**

O artigo propõe uma aproximação entre o pensamento nietzscheano e o dos poetas românticos alemães a partir de sua comum opção pela escrita aforística. Se Nietzsche associa o estilo aforístico ao caráter essencialmente inacabado e aberto de um sentido veiculado pela escrita, pretende-se então analisar a relação dessa opção estilística com a escrita em fragmentos com a qual Novalis e os irmãos Schlegel inauguraram o romantismo alemão.

**Palavras-chave:** Romantismo; Aforismos; Estilo

## **The Fragment or Aphorism: the expression of nature's thought for German romantic poets and for Nietzsche**

### **Abstract:**

This article proposes an approximation between nietzschean thinking and that of the German romantic poets from their common option for writing in aphorisms. If Nietzsche associates the aphoristic style to the essentially unfinished and open character of a sense transmitted by writing, we intend to analyze the relationship between this stylistic option and the writing in fragments with which Novalis and the brothers Schlegel inaugurated German romanticism.

**Key-words:** Romanticism; Aphorisms; Style

É com a escrita em fragmentos que Novalis e os irmãos Schlegel inauguraram o romantismo alemão no primeiro número da revista *Athenäum*, editada de 1798 a 1800. Este primeiro número foi reservado, pelos irmãos Schlegel, quase exclusivamente a Novalis. Novalis é o epíteto adotado por Friedrich Von Hardenberg neste primeiro número da revista *Atheäeum*, que também consiste praticamente em sua primeira publicação, com exceção da publicação de um poema de adolescência. Hardenberg não escolheu por acaso seu epíteto e o título de sua obra. “*Novali*” ou “*Von Rode*” foi um sobrenome adotado por antepassados de Hardenberg, do século XII, barões do burgo de Hardenberge, em alusão a

O Fragmento ou Aforismo: a expressão do pensamento da natureza tanto para os poetas românticos alemães quanto para Nietzsche

sua propriedade *Groszenrode*, e remetem ao verbo alemão *roden*, que significa arrotear, desbravar, desmoitar e ao substantivo *Rodeland*, traduzido como arrotéia, noval, terra preparada para o primeiro cultivo. A partir da elucidação do sentido do epíteto Novalis não é difícil perceber a sua relação com o título da primeira obra de Hardenberg, *Pólen* (*Blütenstaub*). Em um fragmento de *Pólen* Novalis afirma: “Fragmentos desta espécie são sementes literárias” (Frag. 114, p. 92).

Com certeza não foi somente pelas afinidades de significado entre os termos Novalis e *Pólen*, que Friedrich Schlegel decidiu não excluir nenhum fragmento de *Pólen*, mas por vislumbrar uma unidade de sentido que dava a coletânea um valor de obra. Entretanto, esta percepção não impediu Schlegel de intervir na organização dos fragmentos ora juntando-os ou dividindo-os, com intenção de viabilizar plenamente o projeto original do pensador que escreve em fragmentos – não somente Novalis, mas ele próprio – de reservar para cada fragmento uma suficiência de significado; ora intercalando seus próprios fragmentos entre os de Novalis, conforme ele mesmo diz: “Vocês vêem que tomei dele com humildade. Encontrei também nos meus alguns que são suficientemente flores [*Blüthe*] para poder devolvê-los a ele, para que a ação recíproca fraternal fique bem perfeita” (Carta de 25 de março de 1798 de Friedrich a Wilhelm Schlegel).

Notamos através destas palavras de Schlegel que ele talvez considerasse seus fragmentos como fluorescências, cujos sentidos remetiam e deixavam ressoar os sentidos dos “grãos seminais” de Novalis.

Numa carta a August Coelistin Just de 26 de dezembro de 1798, Novalis chama seus fragmentos de “pensamentos soltos”, e “começos de interessantes seqüências de pensamento – textos para o pensar”, e numa carta de 26 de dezembro de 1797 ele os chama *Bruchstücke*, palavra alemã equivalente a *Fragments* de origem latina. *Bruchstück* pode ser traduzido por “pedaço”, “fragmento”. Imediatamente estes termos concernem ao caráter de algo que remete a uma totalidade, algo que é parte de um todo.

Ora, enquanto forma textual pode-se admitir dois tipos de fragmentos, o que anuncia e prepara uma obra propriamente dita, completa e acabada e que, então, se identifica ao esboço ou esquema de um escrito mais amplo, e outro, o fragmento como única forma possível de expressão de um sentido que não se manifesta ou se concede por

---

\* Doutora em Filosofia pela UERJ

completo, mas de relance e alusivamente. Nesta via, o fragmento é da mesma natureza que a unidade de sentido que ele expressa: aberto e inacabado.

A unidade de sentido que se condensa no fragmento remete a um fundo inacabado e incompleto que coincide com o fundo em contínuo devir do próprio homem, conforme afirma Novalis no fragmento número 318 de outra coletânea intitulada *Fragments III*: “Como fragmento o imperfeito aparece ainda do modo mais suportável – e portanto essa forma de comunicação é recomendável para aquele que ainda não está pronto no todo – e no entanto tem alguns pontos de vista notáveis para dar”. Novalis faz referência à capacidade própria do fragmento de encarnar a incompletude do que está em devir, representado na forma temporal do imperfeito, do que se iniciou e ainda não se concluiu, percebido em primeira instância e imediatamente como inacabamento daquele que pensa. Para Novalis, pensar é, antes de tudo, caminhar, e o fragmento, enquanto expressão do pensar é, essencialmente, indicador de caminho. A relação com a verdade é uma busca, um caminhar, que tem na filosofia sua origem, seus princípios enquanto pistas e orientações de partida. Podemos então concluir que quando Novalis se refere aos seus breves escritos como “sementes literárias” (*Pólen*. Fragmento 114, p. 92), ele os vislumbra como germes de fluorescências anunciadas cuja eclosão demarca trilhas existenciais.

Ora, Nietzsche também escreve em fragmentos. Sua obra *Humano demasiadamente Humano* é a primeira no qual ele adota de modo inequívoco, consciente e estilizado o gênero fragmentário, e o assume como aforístico. Em uma outra obra (*Genealogia da Moral*, III, § 8), Nietzsche associa o estilo aforístico ao caráter essencialmente inacabado e aberto de um sentido veiculado pela escrita. O aforismo dispõe o pensamento à decifração ou a interpretação do sentido, que é sempre múltiplo e ressoa para além de seu comprometimento com um sistema ou uma época. Ele reivindica por sua própria natureza a arte da interpretação, que faz dele, na verdade, o ponto de partida de um sentido em devir.

Ora, segundo o dicionário *Les notions philosophiques*, o termo “aforismo” deriva do grego *aphorismos*, que significa “o que se separa do resto e determina”. A partir deste significado original ele passa a designar “... uma proposição concisa que encerra bastante sentido em poucas palavras” (*Encyclopédie Philosophique Universal – Les Notions Philosophiques dictionnaire I*, pp. 121-122). No mesmo verbete o dicionário se refere ao aforismo como “proposições de ordem prática que encerram um preceito geral, uma

O Fragmento ou Aforismo: a expressão do pensamento da natureza tanto para os poetas românticos alemães quanto para Nietzsche

verdade do tipo fragmentário mais universal” (Ibidem). Esta interpretação condiz com o significado dado por outro dicionário aos aforismos filosóficos, os quais, segundo o verbete, “abordam quase sempre temas de caráter moral (como os aforismos dos moralistas franceses e espanhóis dos séculos XVI e XVII, os *Aforismos para a sabedoria da vida* – isto é, a prudência – de Schopenhauer, algumas das obras de Nietzsche” (FERRATER MORA, *Dicionário de filosofia*, p. 57).

Ora, o caráter proverbial e o ensinamento moral do aforismo é resguardado, para Nietzsche, na medida que o homem vislumbra nele algo sobre o seu destino, ou seja, que lhe diz respeito de uma forma íntima. Mas o curioso é que o aforismo concerne à existência humana e aborda o homem sobretudo, por seu caráter enigmático. O pensamento é mobilizado para decifrar um sentido. Contudo, a interpretação, ao invés de ponto de chegada, é, na verdade, ponto de partida de múltiplos sentidos, revelando, então, sua natureza artística, inventiva e conformadora. Isso fica claro em um fragmento de 1881, no qual Nietzsche remarca a ressonância plural e infinita do aforismo recorrendo à metáfora notória do porco-espinho, criada por Friedrich Schlegel. Diz Nietzsche: “nada é mais sábio do que uma palavra proverbial – dizia o porco-espinho enquanto o sol lhe aguilhoava. Assim, ele fazia disso freqüentemente vinte e cinco.” (FP 12 [198], *Nachgelassene Fragmente (1880-1882)*, p. 610).

Schlegel, por sua vez afirma: “Um fragmento tem de ser como uma pequena obra de arte, totalmente separado do mundo circundante e perfeito e acabado em si mesmo como um porco espinho” (*O Dialeto dos Fragmentos*. Athenäum, Pólen, Frag. [206]).

Nietzsche toma o porco-espinho como metáfora do provérbio. Assim como, sob o efeito da luz e do calor do sol o porco-espinho se reveste de múltiplos espinhos, o provérbio (*Sprüchwort*), sob o efeito da interpretação, anuncia e promete infinitos sentidos. Por sua vez, Schlegel caracteriza o fragmento como obra de arte se valendo da natureza ambígua do porco-espinho, o qual por seus múltiplos espinhos, é, ao mesmo tempo, isolado, arisco, mas voltado absolutamente para fora e sensível às mínimas ameaças. Ensimesmado, o porco-espinho encarna a natureza problemática e conjectural de todo sentido particular.

As referências citadas acima, nas quais Nietzsche apresenta o aforismo como o seu gênero de escrita mais próprio, não pertencem ao período ao qual dedicamos nosso estudo e cujo término Nietzsche mesmo demarca pela elaboração de *Humano demasiado humano*.

Desse período não há menção de Nietzsche a sua escrita em fragmentos ou aforismos. Entretanto, podemos afirmar que, nesta época, ele já adota o estilo fragmentário.

Quando acompanhamos o pensamento de Nietzsche sobre os filósofos pré-platônicos, como ele os chama neste escrito, percebemos, tanto quanto Paolo D'Iorio, o tom autobiográfico das suas considerações, sobretudo quando se trata de Heráclito. (NIETZSCHE, F. *Les philosophes préplatoniciens*. La naissance de la philosophie enfantée par l' esprit scientifique, p. 33).

O capítulo V de *A filosofia na idade trágica dos gregos* se inicia com a diferenciação entre as concepções sobre a existência de Heráclito e de Anaximandro. Nietzsche deixa claro que Heráclito contempla o devir enquanto a visão de Anaximandro é obnubilada pelo pressuposto moral de dois mundos, o do devir (da eterna expiação da culpa do existir) e do indeterminado (*Ápeiron*). Entre os filósofos gregos, Heráclito é talvez o único, para Nietzsche, a ter contemplado a existência tal qual é: domínio que “nada mostra de permanente, de indestrutível, nenhum baluarte no seu fluxo” (*A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, § 5), por ser dotado da faculdade da intuição.

Ora, compreender a intuição como modo por excelência de apreensão do fluxo incessante do vir-a-ser é aceitar, como seu meio mais apropriado de expressão, um discurso incompleto, truncado e enigmático. Através de seu estilo lacunar e obscuro, Heráclito diz o que se pode e como se pode dizer para os que podem ouvir. A escrita de Heráclito aflui do limiar entre devir e representação e manifesta, então, a própria limitação do pensamento na incessante busca de apropriação do que é substancialmente fugaz e translúcido.

Nietzsche enaltece o estilo de Heráclito ao dizer que “... é provável que jamais um homem em tempo algum, tenha escrito de um modo mais claro e luminoso” (*A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, § 7). Neste trecho, percebemos o quanto ele admirava no filósofo grego a concisão e a brevidade e não considerava absolutamente o caráter enigmático de sua escrita como consequência da intenção do autor de não ser preciso e claro.

A consciência da incapacidade de abarcar a existência, até mesmo pelo pensamento, é acompanhada de um profundo sentimento de inutilidade e de horror, que somente pode ser transfigurado em contemplação impassível e sublime por força de um empreendimento espiritual que, aliciando a capacidade intuitiva, configura em imagens reluzentes o curso

O Fragmento ou Aforismo: a expressão do pensamento da natureza tanto para os poetas românticos alemães quanto para Nietzsche

fugidio da existência. Livre do assombro imediato, o pensamento é instigado a deixar ressoar os múltiplos sentidos que assolam as possibilidades infinitas anunciadas pelo devir.

Ao mesmo tempo que Nietzsche deixa claro que Heráclito expressa uma verdade incompreensível para os espíritos superficiais ao dizer "... que se trata de um estilo muito lacônico e, por isso, obscuro para leitores muito apressados" (*A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, § 7), ele sustenta que para os espíritos à altura de Heráclito, ou seja, capazes da contemplação estética do devir, ressoa, das lacunas e obscuridades do pensamento do filósofo grego, um sentido fundamental. Na ausência desta grandeza espiritual resta somente o vazio, o qual os espíritos apressados e superficiais tendem a traduzir por falta de nitidez e confusão. Nietzsche assevera, através das palavras de um dos representantes do romantismo alemão, Jean Paul Richter, cuja escrita labiríntica e fragmentária é característica, que o estilo lacunar e breve tem ainda a utilidade fundamental de afastar as interpretações vulgares e medíocres (*Nachgelassene Fragmente*, p.832).

Ora, Jean Paul é conhecido, sobretudo, como autor de obras de estilo romanesco. Porém Georges Gusdorf, se baseando no comentário de um crítico francês da obra de Jean Paul, esclarece que apesar das aparências Jean Paul procedeu pela via do fragmento para compor seus livros (*Le romantisme II – L’homme et la nature*, 2ª parte, cap. XII, p. 453).

Para o leitor desatendo parece que os romances foram compostos de um único fôlego. Na realidade, eles constituem verdadeiros mosaicos, porquanto formados de pensamentos esparsos, elaborados em períodos diversos e antes da composição da obra.

Ora, tomamos a liberdade de sustentar esta mesma opinião sobre a composição dos escritos de juventude de Nietzsche e, conseqüentemente, que sua admiração pelo estilo de Heráclito fundamenta não somente o gênero aforístico, adotado em suas obras posteriores, mas o próprio modo de composição dos escritos da época de *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*.

Do período de juventude existem inúmeros fragmentos. Destes, alguns podem ser reduzidos a rabiscos, anotações ou esquemas de escritos contemporâneos e não chegam, muitas vezes, a formar uma frase e muito menos expressar um sentido. Outros manifestam um caráter auto-suficiente, aberto e prenhe de significações, consoante sua forma a-sistemática e enigmática. Alguns destes foram inseridos, sob sua forma original, em

escritos mais completos. Por sua suficiência, eles guardam, de modo concentrado e profundo, o sentido em torno do qual gira todo parágrafo ou capítulo.

Ademais, muitos escritos de Nietzsche não podem ser considerados análises elucidativas de conceitos ou sentidos chaves, mas são compostos de assertivas enigmáticas, que, apesar de sua independência e seu isolamento, se complementam mutuamente sem, no entanto, se elucidarem completamente. Podemos citar como exemplo “A Disputa de Homero”, “O Estado Grego”, textos contidos nos *Cinco Prefácios para Cinco Livros não escritos*. Ao defender este ponto de vista, concordamos com G. Gusdorf (*Le romantisme II – L’homme et la nature*, 2ª parte, cap. XII, p. 448) ao dizer que o aforismo caracteriza mais um gênero de pensamento do que um estilo de escrita. Mais precisamente, o modo, por excelência, de apreensão da verdade. Segundo Gusdorf o aforismo, com sua brevidade, sua dispersão, sua pluralidade de sentidos e seu mistério, manifesta os limites de apreensão da verdade por parte do pensamento e, ao mesmo tempo, então, a forma fugidia como a verdade se oferece à representação. Somos impelidos neste ponto a resgatar o que dissemos acima a partir das considerações de Nietzsche sobre o pensamento e a escrita de Heráclito, ou melhor, sobre seus próprios pensamentos e escrita (já que concordamos com D’Iório quanto à hipótese do tom autobiográfico das considerações de Nietzsche sobre Heráclito).

Ora, em outros casos ainda Nietzsche adota o estilo discursivo. E isto ele o faz sempre com aplicação, quando há a necessidade de elucidar determinadas premissas de seu pensamento. Em *O nascimento da tragédia*, por exemplo, podemos verificar o predomínio desta competência elucidativa e sistemática de Nietzsche. Todavia, mesmo neste caso, ele não deixa de intercalar, no curso seqüencial de sua exposição, as intuições breves e luminosas que dão o tom aforístico de seus demais escritos desta época. Assim, no transcorrer da leitura não conseguimos acompanhar a seqüência de seu pensamento sem que, em inúmeros momentos, nos dediquemos a matutar sobre trechos que surgem repentinamente e nos detêm, por neles vislumbrarmos uma carga de sentido que parece reunir tudo o que foi dito e ainda será. São expressões, frases ou orações contundentes e radiantes que quebram o discurso analítico, no qual nos fiávamos para chegar ao sentido.

O Fragmento ou Aforismo: a expressão do pensamento da natureza tanto para os poetas românticos alemães quanto para Nietzsche

**Referências Bibliográficas:**

FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. Vol. 1. Trad. de Maria Stella Gonçalves et alli. São Paulo: Loyola, 2000.

GUSDORF, Georges. *Le romantisme II – L’homme et la nature*. Paris: Payot, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 Vols. Berlim: Walter de Gruyter, 1967-1978.

\_\_\_\_\_. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Trad. de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Trad. de Maria Inês Madeira Andrade. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral – Uma polêmica*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Les philosophes préplatoniciens*. Apresentação de Paolo D’Iorio & Francesco Fronterota. Trad. Franc. de Nathalie Ferrand. Paris: L’Eclat, 1994.

NOVALIS. *Pólen - Fragmentos, Diálogos, Monólogos*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SCHLEGEL, Friedrich. *O Dialeto dos Fragmentos*. Trad. de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1999.